



Fig. 4



Fig. 5

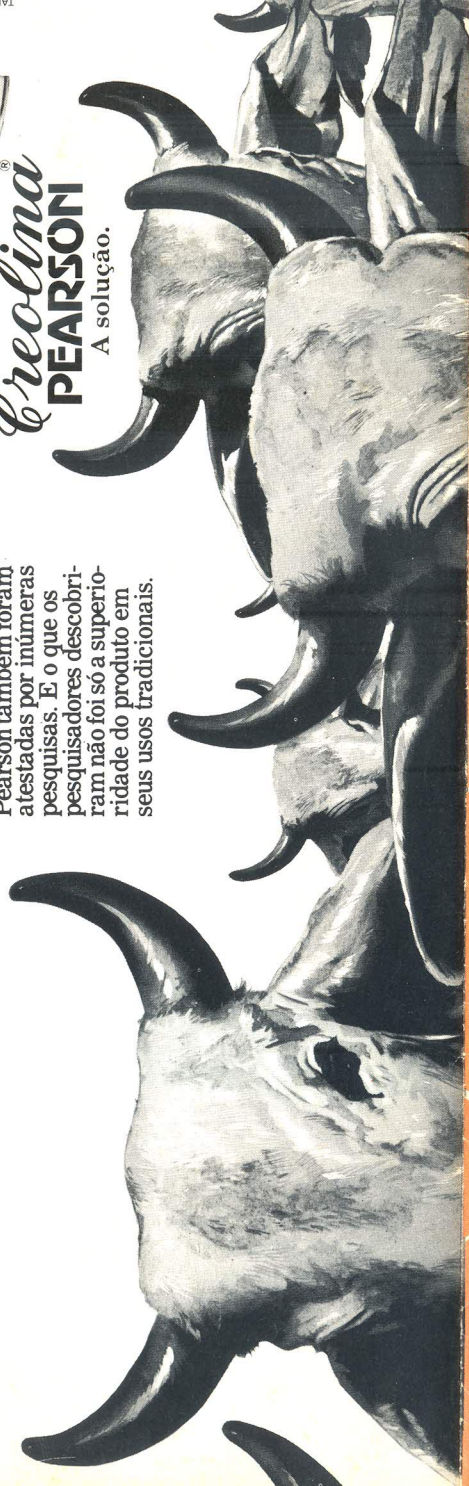
Por que as melhores cabeças sempre preferiram Creolina Pearson?

Certamente, não é por acaso. É que há muitas décadas a Creolina Pearson está presente na agropecuária brasileira. E, ao longo desses anos, firmou-se junto a milhares de criadores como o melhor desintetante, germicida e mata-bicheira, para todos os tipos de rebanho. Comprovadas pela prática, as vantagens da Creolina Pearson também foram atestadas por inúmeras pesquisas. E o que os pesquisadores descobriram não foi só a superioridade do produto em seus usos tradicionais.

Com o tempo, mais aplicações da Creolina Pearson foram aparecendo. Por isso, neste caso, as melhores cabeças não se importam nem um pouco de seguir a boiada. E continuam preferindo a Creolina Pearson.

Creolina PEARSON

A solução.



UTILIZAÇÃO DE CREOLINA
NO CONTROLE DE OÍDIO
(Erysiphe sp)
EM CAUPI
(Vigna unguiculata L.)

EMBRAPA
CNPAP - Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão
Setor de Publicações
Rodovia GYN 12 - Km 10
(Antiga Rodovia Goiânia/Nerópolis)
Caixa Postal: 179
Telex: 062.2241
Telefone: (062) 261-3022 - Ramal 185
74000 - GOIÂNIA - GO.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - MA
EMBRAPA
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE ARROZ E FEIJÃO
Goiânia - GO

UTILIZAÇÃO DE CREOLINA NO CONTROLE DE OÍDIO³ (Erysiphe sp) EM CAUPI (Vigna unguiculata L.)

A creolina é um conhecido produto comercial, composto de hidrocarboneto (56%), emulsificante saponáceo (15,5%), água (7,5%), fenóis e cresóis (21%). O seu poder tóxico ou fungistático está associado a estes dois últimos compostos.

É utilizada, normalmente, como desinfetante e germicida, nas propriedades rurais, com eficiência incontestável. A tentativa de utilizá-la no controle de oídio (Erysiphe sp) deve-se a indícios de que o produto tem efeito positivo no controle geral de doenças das plantas.

Para maior conhecimento, foi montado um ensaio em vasos, em casa de vegetação, onde o oídio prolifera abundantemente em tratamentos totalmente causalizados, usando-se soluções de creolina a 0,5%, 1,0%, 2,0% e 4% e tratamento testemunha, com quatro repetições. As aplicações foram realizadas de 10 em 10 dias após a incidência de oídio, em duas cultivares de caupi (Vita 3 e Quarenta Dias). Esses intervalos foram suficientes para que a doença se disseminasse da testemunha para as plantas que tinham sido pulverizadas.

As pulverizações foram feitas, de modo a atingir toda a área foliar e também as hastes das plantas. A primeira pulverização foi realizada aos 20 dias após a germinação das plantas. Três dias após a primeira aplicação, a testemunha já apresentava uma acentuada incidência de oídio, com as folhas e hastes das plantas tomadas de pulverulências esbranquiçadas (Figura 1). No tratamento com creolina, a 0,5%, vêiam-se apenas manchas cinza-escuras, nas folhas mais velhas, demonstrando que o fungo foi extinto, e as folhas novas praticamente não apresentavam sinais de doença. Aos 5 dias após as aplicações, observavam-se novos pontos de infecções, devido à disseminação do patógeno a partir das plantas não tratadas (Figura 2).

No tratamento a 1%, quase não apareceram pulverulências brancas, permanecendo as manchas cinza-escuras, nas folhas, como marca no tecido atacado (Figura 3), indicando que o fungo (oídio) havia sido exterminado. As reduzidas áreas necrosadas que surgiram demonstram a toxidez do produto. No tratamento a 2%, praticamente desapareceram os sintomas da doença, mas acentuaram-se as áreas queimadas pela creolina (Figura 4). No tratamento a 4%, não foi notada ocorrência da doença, mas as folhas apresentaram alta taxa de queimadura e queda intensa (Figura 5).

Considerando os resultados obtidos (Tabela 1), conclui-se que a dosagem de 1% de creolina apresentou o melhor resultado no controle do oídio. Os tratamentos que receberam esta dosagem apresentaram um bom controle da doença e uma percentagem de lesões tolerável para cultura de caupi.

Tabela 1. Resultados obtidos com as cultivares Vita 3 (V1) e Quarenta Dias (V2) com a aplicação de doses crescentes de creolina no combate ao oídio.

Cultivares	Tratamento (creolina)	Manchas (oídio)	Lesões (queima)	Área atacada após a primeira aplicação
V1 V2	Testemunha	Manchas brancas intensas	Ausentes	100%
V1 V2	0,5%	Algumas manchas brancas	Ausentes	25 a 50%
V1 V2	1,0%	Resíduos de manchas marrons	Praticamente Ausentes	Menor que 25%
V1 V2	2,0%	Praticamente ausentes	Ápice queimado	Menor que 25%
V1 V2	4,0%	Ausentes	Ápice queimado com queda das folhas	0%

AGRADECIMENTOS

Expressamos nossos agradecimentos ao Edmo Donizete Franco, pelo incentivo, e ao colega Antonio Pereira da Silva Filho, pelas sugestões apresentadas, durante a elaboração do trabalho.

Itamar Pereira de Oliveira 1
Arminda Moreira de Carvalho 2
Gerson Pereira Rios 1

1 Eng. - Agr., Dr. EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF), Caixa Postal 179, CEP 74000 Goiânia, GO.

2 Estagiária do CNPAF.

3 Pesquisa em andamento desde outubro de 1985 - Resultado experimental.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3